Volta ao Mundo

HELENA CELESTINO
helenac@oglobo.com.br

A marca do Rio

No imaginário internacional, o Rio tem chances de não cair no pântano onde se debate o Brasil, brindado com mais uma capa da "Economist", a revista com um talento todo especial para ferir a autoestima das autoridades brasileiras, ao sintetizar sentimentos dos donos do mundo. O interesse dos investidores estrangeiros no Brasil diminuiu e o tema corrupção domina qualquer conversa sobre o país mas — sorte nossa, cariocas — o interesse pelo Rio continua intacto, estimulado pelas Olimpíadas.

Neste aniversário de 450 anos, glamour ainda é a palavra usada pelo empresário Roman Carel para etiquetar o Rio, por suas cores, charme, arquitetura e estilo de vida. O olhar romântico do francês — em negociação para construir um hotel butique na Lapa — contrasta com a ambição futurista do prefeito Eduardo Paes, para quem o Rio ressurgirá dos tapumes como "a cidade global do Cone Sul", ou seja, a melhor cidade do mundo ao sul do Equador. Mas entre a imagem idílica musicada por Tom Jobim e a difícil construção da modernidade urbana, o lado bom do Rio em destaque na cena internacional é a transformação das favelas e a emergência nas comunidades pobres de uma geração talentosa, escolarizada e disposta a fazer diferença.

"O Rio, ao contrário de outras cidades, está muito mais vivo, dá sensação de avanço", diz Leona Forman, ativista social nova-iorquina, fundadora da Brazil Foundation.

Parece fora de propósito falar disso num momento em que a violência voltou a aumentar, com a polícia matando e sendo morta nas comunidades pobres. Mas, com um olhar menos cotidiano, há sinais de mudanças. Exemplos? Dois meninos do Alemão viraram destaque recente da chamada grande mídia internacional. Rene Silva foi parar na lista da "Forbes" como um dos 30 líderes com menos de 30 anos em quem devemos prestar atenção. No célebre dia em que a polícia chegou ao Alemão e os bandidos fugiram em fila pela mata, Rene tuitava informações em tempo real para seus 350 seguidores, que retuitaram tudo furiosamente. No dia seguinte, Rene já tinha 9 mil seguidores, entre eles os repórteres da grande mídia, ainda sem poder entrar no morro. Hoje, aos 21, edita um jornal de 12 páginas, cor, com tiragem de dez mil exemplares. Uma outra iniciativa de jornalismo cidadão, também no Alemão, foi um dos destaques do relançamento domingo passado da "New York Magazine", que contava a história de Raul e o "Papo Reto". De celular em punho e ouvidos abertos, ele denunciou o assassinato de uma senhora e seu neto, abatidos pela polícia no Alemão, que os teria confundido com traficantes. O "Papo Reto" — formado por jovens amadores e jornalistas profissionais da comunidade — tornou-se referência no morro e noticia apagão, tiroteio, violência policial, áreas de perigo. São muitas histórias assim, pipocando e esboçando a imagem de uma cidade lutando para se reconstruir, reduzir a violência, a brutal desigualdade e, junto, melhorar a infraestrutura e os serviços caros e deficientes do Rio. Mas a percepção de quem jamais veio por aqui é a de uma cidade muito violenta, cara, com mão de obra malformada, porém com belas praias e gente festeira.

"Testemunho o lento, doloroso nascimento da cidade-símbolo do Brasil", diz o jornalista inglês Stephen Gibbs, correspondente da rede chinesa CCTV. Ele compara o Rio pré-Olimpíada com Londres se preparando para a Feira Mundial de 1851, as duas com ambição de se transformarem na melhor cidade do mundo. As autoridades vitorianas resolveram mudar também a parte não visível da cidade e acabar com o embaraçoso odor das ruas, aplicando fortunas num espetacular sistema de esgoto, em funcionamento até hoje. "Espero que o Rio faça a mesma coisa", propõe.

As Olimpíadas há muito transformaram-se numa vitrine para vender cidades, travestidas em grifes atrativas para investimentos e desenvolvimento de grandes projetos imobiliários. Para o prefeito, o grande legado intangível de eventos como Copa e Olimpíadas é a oportunidade geopolítica de passar uma imagem diferente do país.

"Contesto quando as pessoas dizem que a Copa foi um sucesso, foi uma boa festa e em festa todo mundo sabe que brasileiro é bom. A jornada até a Olimpíada precisa ser bonita, temos de fazer as coisas no prazo, no custo, no planejamento, deixar um legado. Tenho esperança de que o Rio vá mostrar a outra face do Brasil", diz Paes.

Polêmicas sempre vão pintar por aí. Ao olhar para a preparação das Olimpíadas, a cobrança da prometida despoluição da Baía de Guanabara é constante. "Foi prometido uma baía 100% despoluída, não adianta fazer 50% , todos vão cobrar", alertou Ricardo Leyser na reunião do Comitê de Coordenação Olímpica. Também ecoam no mundo queixas de moradores sentindo-se prejudicados pelas transformações urbanas e ignorados na hora de eleger as prioridades — por exemplo, entre teleférico e saneamento no Alemão, teriam preferido esgoto.

"A Olimpíada será a mais transformadora de uma cidade", garante Paes. O Rio merece e nós cariocas apaixonados torcemos para a cidade se reinventar sem perder os encantos cantados por poetas e seresteiros. ●

Os pontos-chave

1 Imagem do Rio tem chances de escapar do pântano onde se debate o Brasil

2 Lado bom da cidade em destaque no mundo é a transformação das favelas

3 Mas queixas de moradores que se sentem alijados na transformação ecoam lá fora

AFP25-2-2015

Precariedade. Crianças palestinas em escola mantida pela UNRWA na Faixa de Gaza e usada como abrigo: agência é acusada de ser controlada pelo Hamas

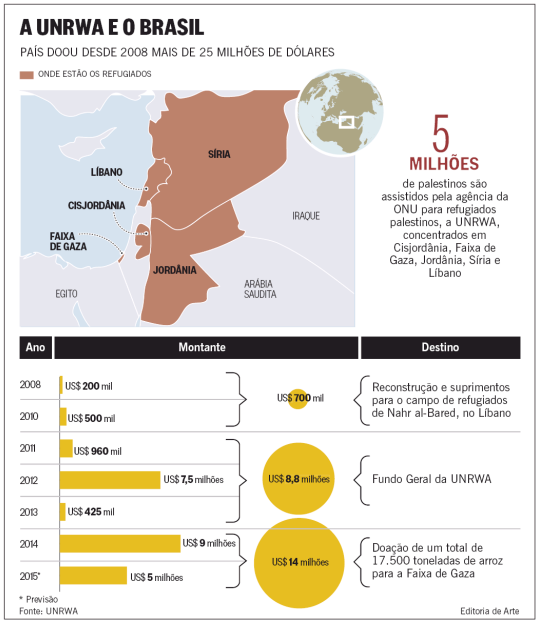
Brasil amplia papel em polêmica agência de ajuda a palestinos

Críticos acusam UNRWA de ineficácia e apontam ligação com Hamas

DANIELA KRESCH
Especial para O GLOBO
internacio@oglobo.com.br

-TEL AVIV- Um passo do Brasil para ajudar refugiados palestinos, elevando o prestígio diplomático internacional do país, está sendo criticado por ONGs regionais que acreditam que Brasília pode estar, indiretamente, ajudando a perpetuar o drama de milhões de refugiados e a financiar o grupo fundamentalista islâmico Hamas, que controla a Faixa de Gaza. O Brasil foi admitido no dia 1º de janeiro ao Comitê Consultivo da Agência das Nações Unidas de Assistência a Refugiados Palestinos (UNRWA, na sigla em inglês), grupo com até então 25 países-membros. Para a UNRWA, o Brasil é um trunfo que poderá incrementar a agência com ajuda financeira e apoio político. E para o Itamaraty, o passo demonstra a preocupação do Brasil com os palestinos e a intenção do país de influenciar em decisões-chave da ONU sobre o Oriente Médio.

Mas as boas intenções podem ter levado o Brasil a investir numa agência polêmica, que enfrenta críticas de ONGs, governos e dos próprios palestinos devido a seu papel no conflito com os israelenses. Apesar de estar ligada à ONU, críticos acreditam que a UNRWA na Faixa de Gaza está sendo controlada, na prática, pelo grupo islamista Hamas. Além disso, a agência é acusada de manter cinco milhões de palestinos com status de refugiados em vez de assentá-los.



CANADÁ PAROU REPASSES

Em junho, o Brasil vai participar pela primeira vez como membro pleno de uma reunião do Comitê Consultivo da UNRWA: será o primeiro país da América Latina e do Brics (Brasil, Rússia, Índia, China e África do Sul). Para receber o convite, o país doou nada menos do que US$ 18,5 milhões para a agência desde 2010. Depois de uma ajuda recorde de US$ 7,5 milhões em 2012, doou 11,5 mil toneladas de arroz (estimados em US$ 9 milhões) para Gaza no ano passado. Em 2015, planeja outra remessa de arroz, avaliada US$ 5 milhões.

Mas, para a ONG israelense Centro para Pesquisas de Política do Oriente Próximo, as doações para Gaza acabam nas mãos do Hamas ou são vendidas no mercado negro. A ONG afirma que 93% dos 11 mil funcionários da UNRWA em Gaza são, hoje, filiados ao Hamas através de sindicatos de funcionários. As escolas e instituições da agência — que atendem a 1,2 milhão de refugiados (70% da população) — estariam sendo usadas pelo Hamas para suas atividades e ensinamentos. O fundador da ONG, David Bedein, revela que já começou a enviar cartas a parlamentares brasileiros na tentativa de apresentar no Congresso Nacional suas supostas provas do envolvimento do Hamas na UNRWA. Ele já fez palestras similares para parlamentares de União Europeia, Noruega e Canadá.

Segundo Bedein, por causa dessas provas, o governo do Canadá decidiu estancar os investimentos na UNRWA. Em 2007, os canadenses deram US$ 32 milhões para a agência. Em 2013 e 2014, não fizeram repasse algum.

— Além do Canadá, ninguém parou totalmente com as doações, mas os países não estão mais repassando verbas tão rápido — diz Bedein. — Não acredito que o Brasil tenha más intenções. A UNRWA pede dinheiro para necessitados e realmente cumpre seu papel em muitos lugares. Mas, na Faixa de Gaza, o Hamas controla tudo com mão de ferro. Muitos mantimentos doados somem assim que chegam e são vendidos no mercado negro.

O ativista palestino Bassem Eid, do Grupo de Monitoramento Palestino de Direitos Humanos, segue na mesma linha de Bedein e ressalta que que a UNRWA deveria ser mais transparente:

— É o Hamas que está controlando a UNRWA em Gaza. A ONU sabe disso muito bem, mas prefere manter o olho fechado.

O porta-voz da UNRWA, Chris Gunness, nega as alegações, afirmando que a UNRWA respeita uma rigorosa diretriz sobre neutralidade nos locais onde atua e que nunca houve casos de desvio de doações na Faixa de Gaza.

— Estamos absolutamente comprometidos com os direitos humanos e a questão da neutralidade — afirma Gunness. — Em meus dez anos na UNRWA, não vi um indício sequer de que dinheiro de ajuda foi subvertido.

REFUGIADOS PARA SEMPRE

O embaixador brasileiro na Cisjordânia, Paulo Roberto França, diz que a intenção do país é apoiar a agência humanitária e participar dos destinos dos palestinos. Ele nega ter ouvido rumores de envolvimento do Hamas.

— Isso não procede. Fui várias vezes a Gaza, visitei escolas, clínicas, falei com médicos. E o que senti é um absoluto controle pela UNRWA de todo esse processo. — afirma França. — O papel que a UNRWA cumpre é muito importante. Se ela não estivesse presente em Gaza, a situação por lá seria insustentável.

O ativista israelense Gershon Baskin, fundador da ONG Centro de Pesquisa e Informação Israel-Palestina (IPCRI), também não acredita que o Hamas controle a UNRWA em Gaza, mas é um ferrenho crítico da agência em outros pontos. Ele critica o fato de que os palestinos são os únicos refugiados que se mantêm como tais desde 1949 e passam esse status para filhos e netos.

— Há problemas com a UNRWA, e o Brasil, se quisesse, poderia ter um impacto nisso. A UNRWA não deveria existir mais na Cisjordânia, que mais de 150 países já reconhecem como Palestina. Deveria ser como na Jordânia, onde os 2 milhões de palestinos são cidadãos jordanianos plenos.

O trabalho da UNRWA também é criticado pelos próprios refugiados palestinos. Abdelfattah Abusrour, criador da ONG Alrowwad, do campo de refugiados de Aida, na Cisjordânia, afirma que a agência tem cunho político, já que perpetua o status dos refugiados e os mantém dependentes de caridade.

— A UNRWA não deveria tratar os palestinos como coitados. Doar arroz é ótimo, mas depois o quê? Queremos financiamento para nossos próprios projetos e nos tornar autossuficientes. ●

NA WEB
globo/IGzesS1
Criada em 1949, UNRWA é maior e mais antiga agência ligada à ONU

Printed and distributed by PressReader

press reader PressReader.com + +1 604 278 4604
PUBLISHERS WORLDWIDE ACCESS TO THOUSANDS OF NEWSPAPERS AND MAGAZINES
COPYRIGHT AND PROTECTED BY APPLICABLE LAW